

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal da Bahia

Class.: 428

Data 25 de Janeiro de 1981

Pg.:

Em defesa dos índios

"Um projeto único com pretensão de avançar sobre os últimos pedacinhos de chão que o índio, que era dono do país, ainda possui", é como o Bispo de Goiás Velho, D. Tomás Balduino, vê a tentativa do Governo de emancipar essa minoria étnica brasileira que, segundo ele, está precisando, na realidade, ter suas terras emancipadas. Defendendo uma legislação privilegiada para essa "parte frágil do nosso povo", o Bispo, membro do Conselho Indigenista Missionário — CIMI — resumiu seu pensamento: "Se eu tiro a tutela, eu tiro a terra".

Muito descontraído e, às vezes, provocando risos ao lembrar fatos relacionados com o problema indígena no Brasil — a exemplo da afirmação do então ministro do Interior do Governo Geisel, Rangel Reis, de que "o índio estava cansado de ser índio" — D. Tomás fez um pronunciamento, seguido de debate, para os recém-formados jornalistas da Escola de Comunicação da UFBA, na manhã de ontem, na própria escola. Da dizimação progressiva de tribos à vida sexual dos índios brasileiros, o Bispo falou aos novos profissionais durante uma hora e meia de maneira clara e objetiva.

"MAE TERRA"

Mostrou que o Governo está contra a Lei 6.001 —Estatuto do Índio — que diz ser a terra habitada pelo índio propriedade da União e por isso este tem a sua posse com usufruto dos recursos naturais. "Mas o fato é que as terras indígenas até hoje não foram demarcadas — isto deveria ter sido feito desde 1968 — e os conflitos estão aí — no Xingu, por exemplo, houve morte há pouco tempo", acentuou o Bispo.

No ano de 1.500 era cinco milhões de índios povoando as terras brasileiras, hoje, são 200 mil. "E não foi a pilula a responsável, mas a matança", lembrou D. Tomás, chamando a atenção para o fato de que "se escandaliza as atitudes de Hitler — as chacinas dos judeus — nós fizemos a mesma coisa com os índios". Citou inúmeros casos de chacinas verificados no ciclo da cana de

açúcar, no processo de ocupação do São Francisco.

Na mineração, principalmente, os índios foram mortos pelos "bandeirantes, todos bandidos". Ultimamente a construção da Transamazônica é responsável pela dizimação de 30 grupos indígenas em benefícios dos grandes proprietários. Um momento de ternura na discussão da problemática indígena ocorreu quando D. Tomás informou que no Tribunal Bertrand Russel as palavras mais utilizadas pelos índios eram "mãe terra".

— O índio tem uma coisa que a gente precisa entender, o relacionamento profundo com a terra, enfatizou o Bispo, fazendo uma comparação das atitudes dessa minoria com as da sociedade civil: "Quanto mais a gente é rico mais se isola, porém, a força deles (índios) não são as ações do Banco Central e sim o irmão. Eles têm relacionamento com Deus, enquanto nós decretamos a morte Dele. Vamos matar essa gente, nós que acabamos com as piabinhas, os passarinhos? Isso em nome do Cristianismo, já que estamos todos batizados?", indagou.

"GOVERNO ANTIPOVO"

Um dos problemas destacados pelo Bispo como muito sério foi a questão Índios/posseiros. O CIMI definiu apoiar incondicionalmente a ambos, procurando os melhores caminhos para solução dos conflitos existentes. Na sua opinião, o posseiro pode ser deslocado sem morrer e se desorganizar, pois não depende de grupo tribal, o que não ocorre com índio se este for "desenraizado". E tudo isso é observado pelo órgão, garantiu.

No caso específico do posseiro o deslocamento deve ocorrer com o Governo atentando para as suas necessidades. "No entanto, a má vontade deste é enorme, o que é inerente a um Governo antipovo. D. Tomás encerrou o debate afirmando aos jornalistas que a política global que responderá pelo futuro do índio no que se refere ao CIMI, é a defesa da terra.